

O DISCURSO DOS SOBREVIVENTES DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO UM ENFOQUE PRAGMÁTICO / SEMIÓTICO *

IZIDORO BLIKSTEIN
(USP)

O objetivo deste trabalho é demonstrar como uma “leitura” feita sob o ponto de vista pragmático-semiótico pode contribuir para a interpretação dos **discursos** dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas. É preferível usar o termo **discurso** a **testemunho**, e esta escolha implica logo uma questão de ordem metodológica, ou mais exatamente epistemológica: por mais atroz, desumana e absurda que tenha sido a realidade que eles relatam, estes testemunhos não devem ser vistos como uma narração impessoal e “objetiva”, mas sobretudo como um **discurso**, que se caracteriza por uma *enunciação*, supondo um *locutor* (o sobrevivente), e um *ouvinte* (o entrevistador), pela *vontade* do locutor de *influenciar* seu ouvinte e por uma **situação** psicológica e espacio-temporal determinada.

Esse ponto de vista pragmático/semiótico tem a vantagem de oferecer uma perspectiva ampla e larga na avaliação da qualidade “técnica” de vários relatos feitos por indivíduos diferentes, com repertórios (cultura, história de vida, país ou região de origem, língua profissão, etc...) diferentes, em condições psicológicas e espacio-temporais também diferentes. Estes testemunhos não deveriam, portanto, ser “lidos” como um relato apresentado por uma testemunha em um tribunal e de quem se espera toda precisão e verdade. O relato do sobrevivente é, antes de tudo, repetimos, um discurso e...um discurso — para cair no velho truísmo da lingüística e da semiótica — não é a realidade mas um recorte da realidade ou, para melhor dizer, o recorte de uma experiência diante de uma certa realidade. Cabe lembrar as palavras pertinentes de Y. Thanasekos, em seu artigo **Positivismo, histórico e trabalho de memória (Boletim Trimestrial da Fundação Auschwitz**, número especial 36-37, Abril/Setembro, 1993):

“Há muito que a crença na possibilidade de extrair da pedreira dos Arquivos, os “fatos brutos” e as “verdades factuais” — assim como se extraem pedras, uma por uma e bem lapidadas — isto com a intenção louvável de mostrar enfim como as coisas “realmente aconteceram” (L. von Ranke), há muito

* Trabalho apresentado por **Izidoro Blikstein** no *Rencontre audiovisuelle internationale sur le témoignage des survivants des camps de concentration et exterminations nazis*, em Paris, de 16 a 18 de setembro de 1994, sob os auspícios da **Fondation Auschwitz** e da **Fondation pour la Mémoire de la Deportation**).

tempo, repito, esta crença se mostrou o que ela realmente era: precisamente uma simples e ingênua crença.”

Ora, a pragmática e a semiótica poderiam, talvez, libertar-nos um pouco dessa obsessão pelo “verdadeiro”, pelo “real”, pelo “factual”, pelo “preciso” enfim, na medida em que procuramos, no discurso, não o **visível** mas o **inteligível**; com efeito, a pragmática e a semiótica consideram não apenas o **que** o locutor diz, mas também **como ele o diz**, e até mesmo **como ele não o diz**. E para mostrar como ele o diz, ou não o diz, a pragmática e a semiótica analisam todos os signos e os índices verbais e não-verbais utilizados na construção do discurso: a escolha das palavras, a sintaxe, os traços prosódicos (a pronúncia, o ritmo, as pausas, a entoação etc.), a cinésica (os signos e os índices da comunicação não-verbal, como a expressão facial, o olhar, os gestos e a postura), considerando, naturalmente, a situação de comunicação onde um locutor/sobrevive se encontra, não apenas diante de um ouvinte/entrevistador, mas, em princípio, também diante de uma câmera e de um gravador. Nesta situação, há, inevitavelmente, todo tipo de “ruídos” de comunicação, visto que o locutor vai também enfrentar a obstáculos de ordem física, cultural e psíquica, produzidos por diversos fatores tais quais o repertório, a distância espaço-temporal em relação à experiência concentracionária, a resistência às lembranças, o grau de envolvimento na problemática do Holocausto, etc. Para os sobreviventes “brasileiros” — muito afastados do cenário do nazismo — já que a maioria chegou ao Brasil na década de quarenta — é preciso acrescentar a barreira lingüística, na medida em que as entrevistas foram feitas em português, e não em sua língua materna (polonês, alemão, húngaro e, principalmente, ídiche). Todas estas interferências acabam por engendrar uma sintaxe discursiva “descosturada”, muitas vezes abalada por “falhas” de memória, imprecisões, lembranças ou observações secundárias, contradições, lapsus, hesitações, pausas e até mesmo o silêncio; para complicar, é preciso assinalar que em certos casos, o locutor procura compensar as “falhas” de memória preenchendo o vazio do discurso com estereótipos ou “frames” introduzidos em seu imaginário por toda uma arte do Holocausto (romances, “memórias”, filmes, a TV, os museus, a pintura, a escultura).

Podemos então nos perguntar se todos estes ruídos não podem comprometer a validade destes testemunhos. Não, ao contrário, do ponto de vista pragmático e semiótico, um discurso pode apresentar uma falta de coesão no nível da *estrutura de superfície* (no sentido de Chomsky), mas ter, no nível da *estrutura profunda*, toda uma coerência interna que pode ser detectada no exame preciso dos “pequenos detalhes, como os lapsus, as confusões, as observações “insignificantes”, as vacilações e o **não-dito**, distribuídos de maneira um pouco descosturada no enunciado. É o caso, por exemplo, de B.F. (67 anos, nascida na Hungria e residente em São Paulo) que, em seu testemunho, nos conta, com uma expressão facial entre tímida, sorridente e às vezes maquiavel, o seguinte:

“... antes de Hitle...porque, isto é...na minha escola, eles apresentavam todos os anos uma peça de teatro...maravilhosa...mas eu nunca tinha sido escolhida para ter um papel...então as pessoas prometeram me convidar e eles

perguntaram meu nome e quando eu disse que era Gutman... vocês sabem... Gutman é judeu... foi só depois que meu pai fez mudar o sobrenome para Gerschein...por causa do...porque era muito mais fácil viver assim...”

Este único e breve testemunho seria suficiente para ilustrar toda a violência do nazismo, que pode ser observada nos pretensos “pequenos” detalhes. Eis alguns exemplos:

- 1) Na expressão “*antes de Hitler*”, que não tem uma ligação direta com a seqüência do enunciado, **Hitler** desempenha um papel fundamental na significação do texto, já que, apesar da marca temporal indicada por *antes*, este mesmo **Hitler** é o signo onipresente e todo-poderoso que permite pressupor o pano de fundo de toda a violência do quadro descrito por B.F.
- 2) O adjetivo *maravilhosa* parece dispensável, mas é justamente o “dispensável” que é pertinente aqui, na medida em que o locutor, em uma espécie de lapso freudiano não consegue deixar, por um lado, de qualificar a peça de teatro como “maravilhosa” (e indiretamente, a escola como uma instituição também maravilhosa), e por outro lado, de se desqualificar, como a pessoa que nunca foi convidada para trabalhar nesta peça e que nunca trabalhará por causa de seu sobrenome judeu.
- 3) A frase “*porque era muito mais fácil viver assim*” pronunciada por B.F., com um sorriso espontâneo e praticamente maquinal, sem nenhuma premeditação (o entrevistador não havia feito perguntas a esse respeito), mostra como uma ação tão brutal e violenta, como a mudança do sobrenome por uma questão de sobrevivência, pode ser “banalizada” e aceita de maneira “normal”.

O relato de R.S. (68 anos, nascida na Polônia e residente no Rio de Janeiro) nos indica, por trás das contradições aparentes, a flutuação dolorosa entre a memória e o esquecimento:

“O senhor sabe... já faz alguns anos, mais de quarenta... os detalhes... não é que a gente os esqueça... mas esquecer... é impossível...”

Os temas “clássicos” do universo concentracionário (a prisão, o gueto, a estrela amarela), saltam claramente do discurso vago e hesitante de F.C. (66 anos, nascida na Polônia e residente em São Paulo):

“De 1940 a 1941 eles nos sequestraram. Primeiro não podíamos sair de casa... antes ainda do gueto... usávamos uma faixa com uma estrela no braço... e depois... penso que em 41 ou 42... eu não me lembro mais... um monte de coisas na cabeça... eles nos colocaram no gueto...”

No testemunho de E.J. (67 anos, nascido na Alemanha e residente em Recife), o detalhe mais marcante — a interdição de falar dos ancestrais judeus — é precedido, e quase “camuflado”, por uma série de colocações sobre a escola e a admiração que ele tinha pela aula de história:

“Quando eu tinha oito anos, eu estava no segundo ano do curso primário... na Alemanha começamos o primário com sete anos de idade... eu estava na aula de história... para mim a aula de história era a aula da “estória”... eu sempre gostava muito... então o professor contava a história dos velhos germânicos... muito interessante... depois de sua exposição... ele... ele pediu aos alunos que dissessem o que tinham aprendido... eu., eu levantei a mão... eu queria falar... então ele me disse: ‘Não, você... você não vai dizer nada... você é judeu... seus ancestrais são germânicos... é... judeus...’”

N.J. (65 anos, nascido na Polônia e residente em São Paulo) recorre a “desvios” lingüísticos para explicar a função higiênica dos fornos crematórios, mas o advérbio **também** nos permite supor que uma “outra” função era reservada aos crematórios:

“... A gente sabia o que estava acontecendo... evidentemente a gente sentia o cheiro... mas a gente sabia que tinha crematórios... mas testes crematórios eram destinados para queimar **também** os cadáveres daqueles que tinham morrido de uma morte... eh... natural, de uma doença, de um acidente... aconteciam vários acidentes de trabalho... eh... mortais... e quando eles não eram fatais, não havia... obviamente remédios suficientes e o prisioneiro morria em muito pouco tempo...”

Mas é talvez o testemunho de W.H. (68 anos, nascido na Polônia, e residente no Rio de Janeiro) que nos mostrará de modo desconcertante como os ruídos semióticos — tais como os lapsos, as confusões, as pausas e o **não-dito** — podem ser mais eloqüentes que o discurso explícito:

“Bom... em novembro de 1939, eu era estudante, eu estudava... então quando eu saí do colégio... nesta época já havia nazistas... Hitler já tinha tomado, ele já havia dominado a Polônia... quando eu saí do colégio... **eles me prenderam** [o entrevistador não conseguiu ouvir claramente esta última frase, da qual somente alguns fragmentos são perceptíveis, pronunciados de uma voz muito baixa, quase abafada na garganta]... Depois de um ano, em 1940... no mês de junho ou julho... eles me mandaram para **Auschwitz... não, não para Auschwitz! Como se chama? É, Kleinmangestov... é isso... Kleinmangestov... um campo de concentração... mas na Polônia...**”

À primeira vista, não seria difícil refutar este testemunho: além da confusão entre um grande campo de extermínio (Auschwitz) e um pequeno campo de trabalhos (Kleinmangestov), a testemunha deveria saber, presume-se, que os dois campos se

encontram na Polónia. Estes lapsos podem nos conduzir, no entanto, à verdade profunda de W.H.: o medo e o sofrimento não se avaliam pelas dimensões reais dos campos, nem por sua posição geográfica: na memória da testemunha, Auschwitz é o ícone que melhor traduz o horror da experiência concentracionária. Por outro lado, “**eles me prenderam**” é um exemplo notável da semiótica do **silêncio**, do **não-dito**: pronunciado como um soluço abafado na garganta, este fragmento de frase reproduz de maneira transparente a humilhação e amargura sentidas por um adolescente que, logo na saída do colégio, perdeu sua liberdade devido ao único fato de ser judeu.

A ocorrência espontânea, não premeditada, destes “ruídos” lingüísticos e semióticos nos discursos dos sobreviventes nos indica como a violência do racismo e do anti-semitismo já se havia instalado no quotidiano dos indivíduos. É neste momento que a “verdade semiótica” pode ser também (ou até mais) útil que a verdade factual, visto que a observação do mecanismo de ocorrência de pequenos detalhes ou de lapsos pode nos conduzir, com uma certa segurança, a identificar os pressupostos e os subentendidos que sustentam a significação profunda e coerente do discurso do sobrevivente, obcecado pelo medo, pela angústia, pelo sofrimento e pelo desespero.

Cabe talvez lembrar aqui que este método semiótico, que consiste simplesmente em partir do “pequeno” para chegar ao “grande” (isto é a estrutura profunda) foi muito bem formulado na frase “Deus se esconde nos detalhes”, citada por Carlo Ginzbur em *“As chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”* (in Eco, U. et Sebeok, Th.A. **O Sigo de Três**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1991), neste texto, Ginzburg mostra claramente o paralelismo entre Sherlock, Freud, e o historiador de pintura Giovanni Morelli, ressaltando o fato que Freud muito se impressionou com o método interpretativo de Morelli, para quem o detalhe insignificante seria revelador, na medida em que, como seria difícil falsificá-lo ou camuflá-lo (em virtude de seu caráter espontâneo e não premeditado), este detalhe deveria nos conduzir ao deciframento do conjunto que o engendrou. Da mesma forma, para a semiótica, os detalhes secundários e insignificantes, as imprecisões e os lapsos podem ser mais pertinentes (e até essenciais) que as informações ditas “precisas”, “técnica” e “fatuais”. Como exemplo notável do que acabamos de expor, vale reproduzir aqui um fragmento de um “testemunho” de **Jakob o mentiroso**, o grande romance de Jurek Becker, na passagem que se segue, o autor nos mostra, com uma ironia contundente, como a personagem mistura os detalhes mais importantes (a árvore, o javali, a cena de amor com Esther, o fuzilamento de Chana) com informações técnicas (artigos da lei) com o objetivo de ser mais precisa em suas lembranças:

“... Alguns anos mais tarde, eu devia ter por volta dos dezessete, eu fiquei pela primeira vez na vida com uma moça, debaixo de uma árvore; um carvalho desta vez, que tinha bem uns quinze metros de altura. Ela se chamava Esther, ou melhor Moira. Em todo caso era um carvalho, e um javali nos incomodou. Talvez até fossem vários. Nós não tivemos tempo de nos virar. Alguns anos mais tarde, minha mulher Chana foi fuzilada debaixo de uma árvore, não sei dizer de qual espécie. Eu não estava lá. Me contaram e eu esqueci de me informar sobre a árvore.

Agora a segunda razão pela qual meus olhos se clareiam quando penso em esta árvore, é sem dúvida e até seguramente a mais importante das duas. É que no gueto as árvores eram proibidas (Artigo nº 31: “É formalmente proibido manter plantas de ornamentação ou utilitárias de qualquer espécie no território do gueto. A mesma proibição vale para as árvores. Se algumas plantas selvagens foram esquecidas no momento da criação do gueto, é preciso eliminá-las o mais rapidamente possível. Os contraventos serão punidos...”)...”

Para concluir, diríamos que a pragmática e a semiótica podem oferecer uma contribuição importante para os estudos e as pesquisas que atualmente se realizam sobre o universo concentracionário, num momento em que assistimos com perplexidade ao crescimento de movimentos neo-nazistas e racistas que procuram desqualificar a memória do Holocausto.